

Para vocês, o momento é novo. Para mim, assim como para tantos outros que aqui se encontram, de reminiscências.

A propósito, vasculhei, hoje, minhas gavetas até encontrar a minha carteira de identidade funcional. É de 08 de janeiro de 1988, assinada por S. Exa., o Dr. Cláudio Ferraz de Alvarenga, à época PGJ. É minha identidade funcional até hoje. Não tenho carteirinha de Corregedor, tampouco outra mais recente de Procurador de Justiça. Delas não necessito, tampouco da original, que permanece guardada.

A minha identidade é meu RG. Ou minha carteira de habilitação. Delas me valho quando necessário ou solicitado. Porque, antes de membro do Ministério Público, sou cidadão. E nada me diferencia, no trato das coisas diárias, das demais pessoas. Outro dia, andando de moto, fui parado em comando na Rodovia dos Bandeirantes. Instado a apresentar o documento da moto, não o portava comigo. Instado a apresentar meu documento pessoal, apresentei minha carteira de habilitação, que é a minha identificação.

Porque falo isso? Kelsen, dos maiores juristas da história, sempre trabalhou com o mundo do ser e do dever-ser.

Aqui, valho-me de ligeira paródia: falarei do mundo do ser e do parecer-ser.

Sim: hoje, as aparências parecem ganhar dimensões maiores do que a existência real e física das pessoas.

O prazer das pessoas, antes de encontrar-se em si mesmas, parece brotar da caricatura estampada em mídias sociais, retratando conquistas, viagens, posses materiais ou estereótipos dessa cepa, como se a busca da própria felicidade e realização passasse pelo impacto de imagens transmitidas a terceiros, invariavelmente retratando quadro de sucesso, o qual, no entanto, é, no mais das vezes, despido de qualquer arrimo fático.

A felicidade ou sua busca deixam de ser intrínsecos, preocupando-se sobremaneira em como as pessoas conhecidas vão nos ver – e eventualmente invejar.

Ou seja, deixamos o mundo do ser e ingressamos no mundo do parecer ser.

Ser Promotor de Justiça não é ostentar carteira de identidade funcional ou fazer-se parecer superior perante terceiros por força da atribuição do exercício de uma parcela da soberania do Estado: ser Promotor de Justiça é saber se postar sem a necessidade de identificar-se, pois tal qualidade brota não de documentos ou exposições em meios midiáticos, mas da respeitabilidade adquirida fruto de seu labor em prol da sociedade.

Não há documento ou rótulo que se sobreponha à respeitabilidade. Que é adquirida por gestos, por comportamentos, por atitudes e pela proatividade, apta a gerar reflexos sociais.

Ser Promotor de Justiça é ter o cheiro do povo, porque povo somos. O perfume ilude e afasta a sociedade, nos levando ao mundo do parecer ser.

Ser Promotor de Justiça vem de posturas de defesa social efetivas. Vem do cuidado com o interesse público, com o reconhecimento de sua supremacia e do zelo inarredável pela preservação da ordem democrática e dos interesses sociais que se mostrem os mais caros. Vem de sua presença física e participação atuante nos problemas e aflições que atingem a comunidade a que serve.

Manter-se distante, em ambientes virtuais, cuidando exclusivamente de acervo de cunho procedimental é parecer ser Promotor de Justiça: não condiz com a grandeza do cargo, tampouco com as finalidades da Instituição.

Ser Promotor de Justiça é antes saber as melhores formas de servir. Priorizar a aprendizagem do quanto pode ser servido gravita no mundo do parecer ser.

E o mundo do parecer ser, em que o Promotor de Justiça se transforma em um mero arquétipo, muito embora pareça sedutor por nos levar a situação de comodismo e de exposição incondizente com a nossa qualidade, enfraquece a nossa Instituição. E tal enfraquecimento, à evidência, volta, em verdadeiro efeito bumerangue, contra nós mesmos.

O exercício das funções de Promotor de Justiça é um verdadeiro sacerdócio. Somos privilegiados. Podemos exercer o nosso humanismo de maneira plena, recebendo proventos econômicos bem razoáveis. Em outras palavras, ganhamos para fazer o bem, quando parcela expressiva da sociedade o faz, com finalidade meramente filantrópica.

Ser Promotor é ser humano. É desempenhar os dons da humildade, da solidariedade e da empatia, valores humanos capitais. É pensar, como dito, na melhor forma de servir – e não de como ser servido. Parecer ser Promotor é afastar-se de tais traços. É utilizar-se do cargo como mero fator de veleidade, do alcance de ambições pessoais, colocando os seus próprios e mesquinhos interesses acima dos valores maiores pelos quais lutamos. Parecer ser Promotor é restringir-se ao mundo empírico, da satisfação fugaz e vazia, em que o egocentrismo, a cupidez, a exposição vaga e a ausência de humanidade se sobrepõem.

Bem-vindos. Sejam Promotores de Justiça. Não deixem que a vaidade, o egocentrismo, a cupidez ou qualquer outro sentimento sem nenhuma nobreza se sobreponham aos valores humanos maiores, que os trouxeram a esta Instituição, fruto da confiança que nutrimos em vocês para que possamos continuar fortes e fazer com que nossa sociedade possa ser menos injusta e sectária.

Sigamos em frente, sabendo quem somos mas sem nunca esquecer de onde viemos e os motivos pelos quais aqui estamos.